

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

DANIELLE MARTINS CAMPEZ

**BOLETINS INFORMATIVOS INSERIDOS NA  
PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA DA RÁDIO  
ITATIAIA:**

**A mulher no jornalismo esportivo**

Produto Jornalístico

Mariana

2016

DANIELLE MARTINS CAMPEZ

**BOLETINS INFORMATIVOS INSERIDOS NA  
PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA DA RÁDIO  
ITATIAIA:**

**A mulher no jornalismo esportivo**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Debora Cristina Lopez

Mariana  
2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

C195b Campez, Danielle Martins

Boletins informativos inseridos na programação esportiva da Radio Itatitaia a mulher no jornalismo esportivo [CD-ROM]/ Danielle Martins Campez.-Mariana, MG, 2016.

1 CD-ROM ou DVD (54 min.); 4 3/4 pol.+ 1 monografia ( 24 f.).

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social, DECSO/ICSA/UFOP

1. Radiojornalismo - Teses. 2. Imprensa - Mulheres - Teses. 3. Radiodifusão esportiva - Mulheres - Teses. 4. MEM. 5. Monografia. I.Lopez, Débora Cristina. II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 659.3

: 15

: 1415421

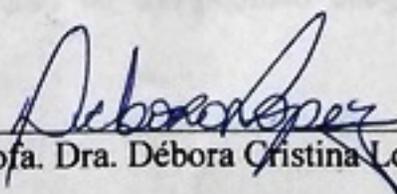
Danielle Martins Campezz

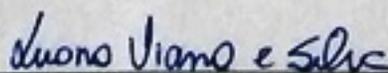
Curso de Jornalismo – UFOP

Boletins informativos inseridos na programação esportiva da Rádio Itatiaia.

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Débora Cristina Lopes.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Débora Cristina Lopes

  
\_\_\_\_\_  
Luana Viana e Silva (Mestranda PPGCOM)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo Freire.

Mariana, 28 de julho de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe Alessandra por, apesar de sofrer com a distância, aceitar meu caminho na profissão e sempre me receber com muito amor. Ao meu pai Paulo por compartilhar da paixão pelos esportes e, principalmente, pelo futebol e viver esse sonho comigo. A eles, todo agradecimento é pouco pelo apoio. Essa vitória é nossa! Ao Paulo e André, por serem companheiros tanto no campo de futebol quanto dentro de casa. À Avó Cidinha, por ser sempre tão presente, carinhosa e solícita. À Alice, por me dar mais ânimo e sorrisos para concluir essa etapa. À República 171 e moradoras, por me apoiarem e entenderem a ansiedade dos momentos finais de escrita e estudos. À ACI por me ensinar tanto sobre os fazeres jornalísticos e me fazer gostar ainda mais do caminho que escolhi. À Thamiris, por ter sido o pilar que eu precisava nesse momento, por assistir e comentar cada jogo comigo e por toda amizade. À Debora pela orientação e paciência, além de boas ideias e de tornar meu trabalho um motivo de orgulho.

Agradeço a todos que me ajudaram de alguma forma e que torceram – tanto quanto eu, por essa realização. Agora, a final do campeonato chegou e a emoção da arquibancada explode no peito. É campeão!

## RESUMO

Este trabalho traz um produto jornalístico de análise de times, jogadores e de jogos de futebol transmitidos pela Rádio Itatiaia, situada em Belo Horizonte. Como forma de inserção e igualdade da mulher no radiojornalismo esportivo os boletins são a busca pela colocação da mulher no mesmo patamar do homem no radiojornalismo esportivo ao fundi-la à programação já existente na emissora.

**Palavras-chave:** mulher; radiojornalismo esportivo; esporte; futebol.

## ABSTRACT

This study brings a journalistic product from analysis of teams, players and soccer matches broadcasted by Radio Itatiaia, located in Belo Horizonte. As a way of inclusion and equality for women in sports radio journalism, radio programs are looking for placing the woman in the same level as men on the sports radio journalism by fusing her to the programming already existing within the station.

**Keywords:** woman; sports radio journalism; sport; soccer.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. RADIOJORNALISMO ESPORTIVO .....	7
3. A MULHER E O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO .....	10
3.1 Quem são .....	12
4. GÊNEROS RADIOFÔNICOS .....	16
4.1 Notícia .....	17
4.2 Comentário .....	18
4.3 Boletim .....	19
5. PAUTA ESTENDIDA .....	19
5.1 Proposta do Produto .....	20
5.2 Sugestão de Pauta .....	20
5.2.1. A jornada .....	20
5.2.2 Os boletins .....	21
6. REFERÊNCIAS .....	22

## 1. INTRODUÇÃO

A Rádio Itatiaia foi escolhida como fonte do trabalho por ser uma rádio de impacto e que “constitui um marco na história da radiofonia em Minas Gerais por encontrar um caminho novo na década de 50, deixando de lado os velhos conceitos de programação” (PRATA, 2011, p.2). Além disso, a emissora é referência no setor esportivo do estado.

Atualmente, a presença feminina tornou-se visível em todos os meios de comunicação, mas elas ainda representam uma minoria em algumas áreas que continuam sendo dominadas pelos homens, como o jornalismo esportivo. E, muitas vezes, quando presentes em editorias ou programas esportivos, exercem funções apenas secundárias. Nas rádios, o número de mulheres falando sobre esportes, é irrisório.

Apesar de apresentar um crescimento nos dias atuais, no começo do rádio no Brasil, a presença das mulheres era restrita, atuando apenas como atrizes, cantoras e locutoras de programas generalistas. (TESSER, 1994). A inserção feminina continua se dando em menores proporções e de modo bastante diferenciado da masculina. “Se enumerar no Brasil a quantidade de redatoras e locutoras esportivas que conhecemos, será constatado que a mídia esportiva pertence ao mundo dos homens. A mulher é vista, analisada, comentada e classificada pelos homens, aos quais, decididamente não convém misturar sexo e esporte”. (FREITAS in SIMÕES, 2003, p.65).

Ainda há muita diferença de gênero na sociedade. O trabalho em questão busca contribuir para a minimização deste pré-conceito com as mulheres e de suas funções na sociedade e profissão. A luta pela igualdade de gênero é necessária não só

“para que não exista o diferencial entre homem e mulher, mas que todos devem ser iguais como seres humanos que pensam, que produzem e que querem seu espaço na sociedade moderna, para avançar conjuntamente com todos aqueles que buscam a melhora conjunta para todos” (BACK e BARBOSA e QUEVEDO e ALEXANDRE, 2012, p.3)

Além disso, o investimento na cobertura esportiva da rádio em questão é fator importante na pesquisa. Segundo Prata (2011), a cobertura esportiva é um dos destaques da rádio e atinge mais de 90% de audiência. A autora, na Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro, trata a biografia de 382 radialistas de Minas Gerais. Desses 382, apenas oito são mulheres, um pouco mais de 2% do número total. O que mostra que as mulheres ainda são minoria no cenário esportivo radiofônico.

Os boletins inseridos na programação levam o nome de “Minuto da Bola”, incorpora os programetes que são, tradicionalmente apresentados por homens mas, nesse caso, apresentado por uma mulher.

Por esses motivos, a apresentação programetes com análises de conjuntura, análise de dados e de tática, constituída por mulher, busca desconstruir o mito de que o futebol é um esporte de entendimento unicamente masculino. As reportagens mais analíticas nas produções anteriores à jornada e de atualização e análise, com produção, apresentação, reportagem e comentários 100% femininos, buscam manter a identidade acústica da jornada esportiva da Itatiaia, mas, mesclando a mulher ao universo do futebol.

## **2. RADIOJORNALISMO ESPORTIVO**

Em meados dos anos 20, a imprensa viu a chegada do rádio no Brasil por meio da transmissão do presidente Epitáfio Pessoa, em 1922. Apesar disso, só por volta de 1930 que a primeira emissora foi realmente ao ar (SILVEIRA, 2009, p.17). Junto com a efetivação do rádio no ar, também por volta dos anos 30, o esporte começou a surgir nas rádios do país. Assim como as emissoras, o início do radiojornalismo esportivo foi caminhando aos poucos. “Até o início da década de 30, quem quisesse saber algo sobre o desenvolvimento de um jogo, no momento em que estava se realizando, tinha que ir ao estádio” (SOARES, 1994, p.18).

Numa junção que deu certo, Camargo (2005) destaca que o futebol brasileiro e o rádio passavam por fases semelhantes. Ambos tentavam ser profissionais e deixarem o elitismo de lado, massificando-se. E foi nessa tentativa que, segundo Soares (1994), o esporte na rádio deu seu pontapé inicial: com a narração de um jogo de futebol, feita por Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista, durante o Campeonato Brasileiro do ano. “A iniciativa da irradiação sistemática de futebol coincidiu com a profissionalização desse esporte no Brasil, ocorrida em Janeiro de 1933” (SOARES, 1994, p.38).

Desde então, as transmissões esportivas começaram a fazer parte da programação radiofônica. Mais do que isso, Madureira e Kischinhevsky (2015) alertam que a cobertura esportiva foi pioneira ao criar a percepção dos acontecimentos minuto a minuto. Antes das transmissões ao vivo, “as emissoras telefonavam para os clubes ou entidades organizadoras dos campeonatos para obter as informações sobre os jogos e depois anunciavam os resultados” (MONTEIRO, 2007, p.2).

Soares (1994) destaca que quando o rádio começou a fazer as transmissões diretas dos jogos de futebol, muitos torcedores preferiam acompanhar a narração radiofônica a ir ao campo, o que prejudicava a arrecadação de verba e gerava conflito com as Associações dos clubes na época. A exemplo disso, Camargo (2005) conta que no final da década de sessenta, em São

Paulo, “os clube se dirigentes do futebol proibiram a transmissão ao vivo das partidas do Campeonato Paulistade Futebol, alegando queda na arrecadação financeira” (CAMARGO, 2005, p.10). Além disso, Nicolau Tuma “chegou a ter sua entrada proibida em estádios, porque os cartolas temiam que suas narrações desestimulassem o público a pagar por ingressos” (MADUREIRA e KISCHINHEVSKY, 2015, p.2).

Ao longo dos anos, as transmissões, bem como o radiojornalismo esportivo foi se sofisticando até chegar ao formato de hoje em dia. Além do mais, as narrações das partidas foi o pontapé inicial do futebol no rádio. Segundo Dalpiaz (2002), foi a partir dos narradores que foram surgindo os outros profissionais do ramo. “(...) ao longo do tempo, a valorização da voz do locutor foi cedendo espaço ao espetáculo futebolístico” (DALPIAZ, 2002, p.43).

O chamado “espetáculo” era em função do desempenho dos narradores ao transmitir o que acontecia em campo, que “na tentativa de despertarem o imaginário do receptor, transformava a narração em grandes espetáculos, que chegavam até a superar a própria realidade em que passava o evento esportivo” (CAMARGO, 2005, p.1). Tudo para que os espectadores pudessem imaginar e se sentir no estádio onde o jogo estava ocorrendo

Como o tema envolve paixão, os profissionais da narração esportiva radiofônica perceberam que deveriam estimular ainda mais o caráter emocional do espetáculo, transformando o jogo em uma espécie de guerra, um duelo de gladiadores, exacerbando sentimentos de amor e ódio, de sucesso ou fracasso, sempre de maneira dicotômica, indo do Céu ao Inferno. (MADUREIRA e KISCHINHEVSKY, 2015, p.7)

Afim de manter o interesse dos ouvintes e o espetáculo, o radiojornalismo esportivo, agora, trazia aos ouvintes a presença de repórteres, narradores, plantonistas e comentaristas, que, segundo Dalpiaz (2002, p.44), “davam a chance dos [sic] locutores respirarem”.

Com esse desenvolvimento, as coisas mudaram dentro dos estúdios. “Se antes o locutor fazia tudo sozinho, agora ele conta com um grande aparato, que vai do apoio de uma equipe de profissionais aos meios técnicos que permitem efeitos especiais de som” (SOARES, 1994, p.103). O repórter de campo, por exemplo, “era conhecido como um locutor de campo, sempre atento a todas as situações, atitudes e comportamentos dentro e fora do gramado (...), quer dos juizes, atletas, dirigentes e técnicos” (CAMARGO, 2005, p.3). Além disso, o rádiojornalismo esportivo teve grande influência nas funções que foram surgindo. O âncora, por exemplo,

é também uma grande contribuição do rádio esportivo, para a mídia audiovisual. Essa função foi criada para o locutor, que comandava e centralizava as irradiações esportivas, que deveria receber as informações de vários locutores que estavam em outras praças esportivas transmitindo os resultados dos jogos. Articulava e comentava os lances mais interessantes de todos os jogos (CAMARGO, 2005, p.2)

Junto às inovações, foram surgindo também novas ideias. Canavilhas e Giacomelli (2015) explicam que os programas e transmissões ao vivo são frequentes nas grades e para completar essa programação somam-se debates, entrevistas e mesas redondas que completam a programação esportiva das emissoras. Madureira e Kischinhevsky (2015) contam sobre essa ampliação do espaço que, antes, era dedicado somente à transmissão do jogo. Assim, foram inserindo, além dos 90 minutos da partida, o pré-jogo e o pós-jogo. “Essa atitude levou à mudança na nomenclatura do evento, que passou a ser chamado de jornada esportiva” (MADUREIRA e KISCHINHEVSKY, 2015, p.8). E ainda destacam que em algumas emissoras, as jornadas esportivas chegam a ter mais de dez horas de duração de maneira ininterrupta.

Apesar do destaque que o futebol ganhou nas rádios, o começo do radiojornalismo esportivo não foi fácil.

Não havia um lugar determinado para a imprensa, o jogo era narrado à [sic] partir das observações da arquibancada, no estádio junto ao público que estavam nas gerais. Neste contexto não havia também a figura dos comentaristas e tão pouco a do repórter para ajudarem na transmissão do evento e muito menos as publicidades que hoje invadem o nosso rádio esportivo. (CAMARGO, 2005, p.1)

Outro fator que dificultava as transmissões era que as camisas dos times ainda não possuíam os números e nomes dos jogadores. Monteiro (2007, p.2) conta que “Nicolau Tuma, pouco antes do início do jogo, esteve nos vestiários das equipes, com o intuito de memorizar as características físicas de cada atleta”. O autor lembra ainda que “naquele período, a tecnologia, como é conhecida atualmente, estava distante dos radialistas, e as irradiações eram realizadas pelo telefone” (MONTEIRO, 2007, p.3).

Diante do aperfeiçoamento sofrido pelo rádio ao longo do tempo, Dias e Lima (2011, p.1) destacam que passou a se valorizar “mais a descrição fiel dos lances de um jogo de futebol que o emprego de expressões poéticas que muitas vezes não traduzem as ações, os lances da partida”. Hoje, a evolução no cenário radiofônico, permite que com as ligações em fibra, equipamentos de emissão/recepção e as próprias condições de trabalho tenham uma qualidade sonora capaz de transmitir todas as sensações do jogo (CANAVILHAS e GIACOMELLI, 2015).

Além disso, a programação esportiva passou a ir além das transmissões de partidas. Camargo (2005, p.2) relata que “numa transmissão de futebol da rádio Pan-americana entravam informações de outras modalidades esportivas, que estavam também competindo naquele dia”. Esse fato deixava a programação mais completa. “Queriam dar a impressão de que estavam em todos os locais onde houvesse alguma disputa esportiva” (CAMARGO, 2005, p.2).

Apesar das inovações e do crescimento do rádio, esse veículo sofreu forte impacto no passado, principalmente em 1950 com o surgimento da televisão, que pôs em ação toda a capacidade de reação do rádio esportivo (SOARES, 1995, p.105). “Grande parte dos anunciantes passou a investir na televisão e, junto com eles, migraram os principais profissionais radiofônicos” (MONTEIRO, 2007, p.1).

Dessa forma, “com o advento da televisão, as rádios brasileiras passaram por um processo de reformulação tornam-se [sic] emissoras prestadoras de serviços. (CAMARGO, 2005, p.7). Agora, o radiojornalismo esportivo teve que procurar alternativas que fizessem com que o veículo não caísse no esquecimento. “Uma alternativa encontrada foi a de investir na presença do repórter na rua, fornecendo informação ao vivo: as notícias e a prestação de serviços passaram a receber mais atenção por parte das rádios” (MONTEIRO, 2007, p.2).

Por outro lado, o autor ainda destaca que

o início das transmissões de futebol pela televisão fez com que os locutores de rádio fossem mais fiéis na descrição das jogadas, porque, já naquele momento, algumas pessoas assistiam à partida com o volume do televisor baixo e ouviam pelo rádio (MONTEIRO, 2007, p.5)

Soares (1995) acrescenta que pesquisas feitas pela Rádio Bandeirantes nos anos de 58 a 60, provaram que 50% dos telespectadores de futebol tiravam o volume da televisão e ouviam a narração do rádio.

De acordo com a autora, os radialistas tiveram que enfrentar a televisão desenvolvendo a linguagem e acelerando a incorporação das novas tecnologias do som, para reforçar o imaginário do ouvinte, pois a evolução da TV na transmissão dos esportes foi muito lenta. Assim, o rádio, bem como o radiojornalismo esportivo, foi se mantendo, entre novos objetivos: concentrando-se principalmente na divulgação de notícias e na prestação de serviços. “Com isso, o meio se manteve, contrariando os pessimistas que apostavam na sua extinção” (SOARES, 1995, p.106).

### **3. A MULHER E O RADIOJORNALISMO ESPORTIVO**

Para chegar à posição que estão hoje, as mulheres precisaram lutar em busca de seus direitos, passando por muitos preconceitos. Apesar da luta, hoje as circunstâncias entre homens e mulheres ainda não são igualitárias. De acordo com a linha do tempo elaborada pela Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres da Presidência da República (SPM/PR) e divulgada pelo Portal ANDIF, a busca por direitos e conquistas das mulheres vem desde

1832. De passo em passo, a mulher foi em busca de condições igualitárias e a luta ainda continua. As mulheres obtiveram “conquistas na cidadania, vencendo a exclusão e marcando presença nas diferentes mídias”, mas, “elas ainda percebem e enfrentam discriminação” (CORAZZA, 2000, p.3).

No começo do rádio no Brasil, a presença das mulheres era restrita, atuando apenas como atrizes, cantoras e locutoras de programas generalistas. (TESSER, 1994). A inserção feminina continua se dando em menores proporções e de modo bastante diferenciado da masculina. O processo de terceirização da economia brasileira, caracterizado pelo subemprego em atividades de baixa produtividade, baixo prestígio e baixa remuneração, atingiu primordialmente a força de trabalho feminina (BARROSO, 1982).

Segundo Corazza (2000), a presença da mulher na imprensa, cinema, rádio, televisão, internet, música, publicidade, e na arte tem crescido nos últimos anos. Ela ainda ilustra que a Bienal de Veneza, iniciada em 1895 com a participação de 2,4% de mulheres, cem anos depois, em 1995, já contava com a participação de 38% de mulheres. “É uma transformação lenta que passa pela Cultura, tanto na produção midiática, quanto no mundo vivido por mulheres e homens” (CORAZZA, 2000, p.1). Ela ainda lembra que ao longo da história, as mulheres radialistas foram de certa forma, esquecidas ou pouco citadas e que algumas mulheres “embora tenham sido muito importantes para o rádio, não receberam da história o destaque merecido, numa época em que o trabalho feminino ficava restrito à unidade familiar” (CORAZZA, 2000, p.4).

Retomando o que diz Moreira (2002), quando analisa a Revista de Comunicação e a revista Imprensa, nota-se que na década de 1990 a mulher tinha que, de certa forma, provar sua competência no meio jornalístico e, mais ainda, nas editorias de área. A autora ainda conclui que as edições em que possuem mulheres jornalistas na capa, são para mostrar “os desafios cotidianos presentes no exercício da profissão” (MOREIRA, 2002, p.5). Desafios esses que permanecem até hoje e se estendem ao rádio e aos cargos de destaque no jornalismo.

A dificuldade da mulher no jornalismo especializado de área reflete no rádio esportivo: a história é a mesma. Nota-se um descaso e uma presença pouco significativa da mulher. Prata e Santos (2014), na Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro, a partir dos esforços de 101 pesquisadores, trata a biografia de 382 radialistas de Minas Gerais. Destes, 98% são homens. Segundo a autora, a pesquisa durou cerca de três anos e tratou dos principais profissionais com atuação na editoria de esportes do rádio de Minas Gerais. “Essa coleta resultou numa grande profusão de nomes de radialistas enviados por emissoras, torcedores, *sites*, jornalistas, etc. Algumas rádios, como a Inconfidência e a Itatiaia, por exemplo, enviaram nomes de profissionais que trabalharam na emissora desde a década de 1950”. (PRATA e SANTOS, 2014, p.29). Embora haja falta de registro completo dos profissionais que passaram por todas as emissoras e, isso certamente afeta os dados, este é o

mapeamento mais completo e sistematizado que se tem sobre o radialismo esportivo do estado.

### 3.1 Quem são

Desses 382 radialistas biografados no livro, apenas oito deles são mulheres. Entre elas está Dimara Oliveira - produtora, colunista da Rádio BandNews FM, que foi apresentadora do programa Minas Esporte, na TV Band Minas e comentarista do Grupo Bandeirantes de Comunicação. Passou pelas rádios Globo e CBN. Em 2012 apresentou o Olé Pelo Mundo, programa de esportes da Band Minas e na Esportes FM, apresentou o programa Nossa Área. Já Danielle Rodrigues entrou no Jornalismo pelo amor por esportes. Buscando uma vaga na Rádio Itatiaia, começou a trabalhar voluntariamente nos finais de semana, fazendo radioescuta dos jogos e auxiliando na redação. Depois de um mês, começou a receber pelo trabalho. Então, em 2006 foi contratada pela Rádio Itatiaia. Hoje, ela é repórter esportiva e auxilia na produção e edição de matérias. Danielle é a única mulher a ancorar um programa na Rádio Itatiaia, o Tiro de Meta. Nair Prata - autora do livro trabalhou na Rádio Tiradentes, na Rádio Cultura e na Rádio Itatiaia, onde ficou por 14 anos. O esporte surgiu na sua carreira nos anos 80, “quando as mulheres ainda não tinham uma presença marcante nos estádios como hoje” (CAMPELO, 2014, p.322). Assim, Nair assumiu o papel de repórter de campo. A jornalista ganhou vários prêmios ao longo de sua carreira. Hoje, dá aulas, tem diversos livros publicados e é participante ativa de congressos e eventos da área de comunicação e radiodifusão.

Natália de Sá - depois de uma jornada radiofônica, a mineira começou em 2010, a ser integrante do programa 98 Futebol Clube, da Radio 98 FM, como setorista do América Futebol Clube. Sônia Caldas Pessoa - passou pela BH-FM e logo foi para a Rádio Globo, como única mulher na editoria de esportes. A jornalista apresentava o quadro diário “O balanço da Sônia”, fazendo comentários sobre esporte especializado e futebol. “Numa época em que eram poucas as mulheres no jornalismo esportivo, ela era anunciada no ar como ‘Sônia Pessoa, a trepidante que é uma boa’” (SANTOS, 2014, p.378). Em 1993 Sônia foi para a Rádio Itatiaia e saiu da área de esportes. Hoje é professora e pesquisadora da área de rádio na UFMG. Tânia Mara - repórter da Rádio Alvorada, era, em torno de 1984, a única mulher a entrevistar os jogadores no vestiário masculino do Mineirão e tinha até que ver os atletas nus. Tânia carrega importantes marcas na carreira. “Foi à primeira mulher da capital mineira a entrar em campo para cobrir futebol de forma diferenciada” (RODRIGUES, 2014, p.384) A forma diferenciada, tratava de diálogos considerados “saborosos” com os seus entrevistados. Segundo a autora, “Tânia narrava o que acontecia nos estádios com muito charme, segurança e competência - o que seduzia os ouvintes de ambos os sexos e de todas as idades” (p.384). Também foi produtora e apresentadora do programa Esporte Alvorada. Esteve com personalidades como Ronaldo Fenômeno e Ayrton Senna. Apesar de encerrar as atividades do

jornalismo por problemas de saúde, Tânia “deixou aberta (...) uma importante porta para as mulheres que teimaram em encarar a cobertura esportiva, até então “proibida” para as profissionais do sexo feminino” (RODRIGUES, 2014, p.384). Úrsula Nogueira - a atual coordenadora de esportes da Rádio Itatiaia e coordenadora da Copa Itatiaia (torneio amador organizado pela emissora a mais de 50 anos). Em 2008, Úrsula conseguiu ingressar no curso superior de Jornalismo na UniBH, com muito esforço e força de vontade e hoje tem seu diploma de jornalista. Vera Lima - começou sua carreira já no jornalismo esportivo, na Rádio Capital de 1987 a 1989 e era a única mulher na reportagem da área. Depois trabalhou na Rádio Inconfidência e na Rádio Cultura.

Num cenário geral, é importante destacar a considerada pioneira do jornalismo esportivo entre as mulheres, a jornalista Regiani Ritter, que atuou na rádio Gazeta AM, na década de 80. Apesar de não ter começado nos esportes, logo foi convidada a ir para a área para cobrir folga de colegas. Mas não parou por aí... logo depois passou a transmitir os jogos, produzir e comentar o programa “Mesa Redonda” (VASCONCELOS e RUBBO, 2009).

Em 1991, a jornalista foi eleita como melhor repórter esportivo do Estado de São Paulo no ano. Prado (2012) cita a dificuldade de Regiani em manter sua credibilidade apesar de já ter conquistado a confiança de muitos na época. “Regiani logo percebeu a responsabilidade de ser a primeira mulher a cobrir futebol no jornalismo esportivo brasileiro, e sentiu o peso da cobrança por parte dos homens” (PRADO, 2012. p.). A autora ainda cita “uma história em particular” que marcou a vida de Regiani:

“Encontrei um colega do jornal “A Gazeta Esportiva” na sala de imprensa do Corinthians e ele disse: ‘Nossa, você foi indicada a melhor jornalista esportiva de 1991?’ Eu falei: ‘Você vê? A gente fica tímido, constrangido’. Ele falou: ‘Está minimizando por quê? Você ganhou o troféu de repórter esportiva feminina melhor do ano, só tem você!’. Eu respondi: ‘Não existe nada pior no mundo do que um jornalista mal informado. Eu ganhei de 600 homens, inclusive de você!’” (PRADO, 2012).

Tendo em vista os poucos destaques na área, podemos afirmar, ainda, que as mulheres são minoria no jornalismo esportivo de rádio. Segundo Provezano (2009), em entrevista com Carmem Rial, ela conta “O futebol é uma linguagem universal, masculina ainda, infelizmente (...) vejo com muito bons olhos o crescimento da audiência feminina em programas esportivos”. A Rádio Itatiaia, escolhida como fonte de trabalho, por exemplo, disponibiliza em seu site os números do IBOPE de audiência geral do período de Dezembro de 2014 a Fevereiro de 2015. Nele, constata-se que a Rádio Itatiaia possui a maior audiência feminina do rádio mineiro. Mas, por outro lado, a sessão de esporte traz números discrepantes se comparados o público masculino com o feminino. O “Rádio Esportes”, comandado pelo locutor Mauro Naves, é o programa de maior audiência da emissora toda. Vai ao ar de segunda-feira a sábado, de 11h30 às 12h30 e tem média de ouvintes por minuto de 234.984. Desse público, 165.823 são homens. Ou seja, mais de 70% do público do programa é masculino. Nos demais

programas esportivos, a disparidade é a mesma. Segundo informações adquiridas via e-mail com a produção da Rádio Itatiaia, a atual equipe de esportes da emissora é constituída por 33 pessoas. Delas, apenas três mulheres: Danielle Rodrigues - já citada acima - exerce atividade como repórter e também faz parte da produção do setor. Suellen Versiani faz parte da equipe executando o cargo de secretária. A terceira mulher - também citada acima - é Úrsula Nogueira, que coordena a editoria esportiva da rádio em questão. Apesar de se observar uma presença ínfima de mulheres na equipe, o cargo exercido pela jornalista, mostra que não há resistência direta da emissora à presença das mulheres na editoria. Porém, em raros casos as mulheres em geral exercem papéis como âncora, repórter, comentaristas, etc.

Mas para Coelho (2011) há “motivos” para os preconceitos com as mulheres inseridas na área “Verifique nas rodas de amigos (...) o número de homens que conversam sobre futebol. Compare com o número de mulheres. Essa minoria (...) é o que ainda produz desconfiança de alguns” (COELHO, 2011, p.36).

Além do fato de que as mulheres conversam menos sobre futebol, Bahia cita a lógica de que:

“(...) se os atletas são semi-deuses, e têm o poder, a força e a virilidade, e são, em sua grande maioria, homens; aqueles mediam suas “falas”, partilham de suas intimidades, os representam, supostamente possuem os atributos similares aos dos atletas. Daí, talvez, seja mais um dos motivos do preconceito em relação à mulher na reportagem esportiva.” (s/d, p.11)

Se, mulher-jornalista ainda são poucas, a mulher-torcedora tem tido um crescente aumento na sociedade atual. Costa (2006) destaca que os clubes e torcidas organizadas já elaboram produtos e canais para o público feminino. A autora ainda acrescenta que mesmo com essa inserção da mulher como torcedora, ainda há muitos obstáculos e um dos mais importantes é em legitimar a mulher não só como torcedora de determinado clube, mas, também, como ser que se interessa e compreende o futebol com sua técnica e tática. “Essa necessidade de legitimação se justifica por uma certa desconfiança que ainda recai sobre a mulher quando o assunto é futebol” (COSTA, 20016, p.2).

O homem, desde seu nascimento, é educado a gostar, conversar e praticar futebol. Isso, talvez, por uma questão cultural ligada a futebol e masculinidade. Desde pequenos, meninos são postos a praticar o esporte em questão nas escolas, enquanto meninas praticam esportes considerados menos masculinizados, como vôlei, *handball*, etc. Costa aponta que

“Jogar uma pelada no fim de semana ou sair com os amigos para assistir a um jogo em algum estádio de futebol são importantes instrumentos de socialização masculina. Sendo assim, é grande o grau de familiaridade que muitos homens possuem com o futebol e isso faz com que tanto seu interesse quanto seu conhecimento acerca desse esporte sejam tomados como uma espécie de segunda natureza masculina” (2006, p.3)

Além disso, ainda há o fato de que uma parcela da população feminina se interessa pelo futebol devido aos atributos físicos dos jogadores. O fato até gerou para essa parcela o apelido de “Maria Chuteira”. Apesar disso, a participação feminina no mundo esportivo, era escassa dentro das quadras, nos estádios e nas rodinhas de conversa. Segundo Moreira (2002), só há pouco tempo, passou a ser aceita e ter aumento contínuo, também nas coberturas jornalísticas.

“Entre 1850 e 1900 a imprensa dirigida por mulheres cresceu. Como traço comum, as publicações da época desenvolviam pautas que transcendiam a culinária, a etiqueta e a moda, empunhando como bandeiras a defesa do acesso das mulheres à educação (ao conhecimento das ciências humanas e da natureza); o fim da escravidão; a queda da monarquia e o voto feminino” (Moreira, 2002, p.2).

Normalmente, a presença feminina na mídia jornalística esportiva, sempre modesta, era cobrindo modalidades amadoras e geralmente esportes olímpicos. “Hoje, consolidando sua conquista de espaços, cobrem com competência, inclusive, futebol. Movidas por este desafio, as repórteres vêm tentando alterar o conceito pré estabelecido de que a reportagem esportiva é atividade masculina” (BAHIA, 1998, p.13).

Constatando-se a baixa presença, pouco destaque e a não ocupação em cargos de relevância, da mulher em relação ao esporte e a cobrança acerca das que atuam na área torna-se algo que, muitas vezes, tira a confiança da jornalista. A mulher se afasta do cargo pelo medo do julgamento e do erro. “Sua impossibilidade de errar, face aos preconceitos existentes e incessante supervisão do seu trabalho, aumenta sua responsabilidade, maior do que a do homem a quem são permitidos deslizes” (BAHIA, 1998, p.14).

Mas a dificuldade das mulheres na editoria de esportes é algo que vem de muito tempo atrás. Luz (2015) destaca que foi só na década de 1970 que o espaço da mulher no jornalismo esportivo foi começando a aparecer. Muito devido à regularização e à abertura de unidades de ensino da profissão. De acordo com a autora, “o acesso da mulher ao futebol como integrante das equipes de cobertura ainda é pequeno” (LUZ, 2015, p.48) e, afirma ainda, que o rádio é um meio de comunicação em que a mulher ainda não conseguiu penetrar. Foi no início de 1970 que Roberto Montoro, dono da rádio Mulher, criou uma equipe da sessão de esportes

composta exclusivamente por mulheres. “A proposta era inovadora, mas o preconceito por parte dos homens da imprensa era escancarado” (LUZ, 2015, p.49). Segundo a autora, a sessão levava o slogan: “A cada mulher a mais no estádio, um palavrão a menos” e faziam parte da equipe Zuleide Ranieri Dias, Jurema Iara, Leilá Silveira, Lea Campos, Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral, Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Tendo em vista a época, a equipe era grande e bem estruturada. Porém, “o grupo se manteve, mas o preconceito e os baixos índices de audiência falaram mais alto e a equipe foi desfeita em 1974” (LUZ, 2015, p.50).

Segundo Coelho (2011), a mulher no jornalismo esportivo é algo diferente e é sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes. Além disso, o autor trata do descaso que as mulheres recebiam no dia-a-dia atuando na área de esportes de redações compostas em sua maioria por homens.

“(...) é raro encontrar mulheres em cargo de chefia ou em Esporte. Para compensar, na área de reportagem, as mulheres estão em maioria. Supões haver duas razões para isso: o fato de a mulher se esforçar mais, ser mais dedicada e de seu salário ser geralmente menor”. (TRAVANCAS, 1992, p.76)

Percebe-se que o espaço da mulher no jornalismo esportivo ainda é em cargos considerados de menor expressão. Não atuando em cargos de chefia, as mulheres acabam atuando na produção de conteúdo e programas. Com isso, o que mais produzem são boletins estritamente informativos e reportagens. Assim sendo, esse se torna o diferencial do produto em questão: a elaboração dos programetes com análises de conjuntura, análise de dados e de tática.

Além disso, nas pílulas há reportagens mais analíticas nas produções anteriores à jornada e de atualização e análise, com produção, apresentação, reportagem e comentários 100% femininos, mas mantendo a identidade acústica da jornada esportiva da Rádio Itatiaia, o que busca mesclar a mulher ao universo do futebol, e não isolá-la em uma espécie de bolha que limita sua atuação e ressalta essa visão de suas palavras como fúteis ou pouco fundamentadas. É a busca pela colocação da mulher no mesmo patamar do homem no radiojornalismo esportivo ao fundi-la à programação já existente na emissora.

#### **4. GÊNEROS RADIOFÔNICOS**

O rádio possui suas particularidades, diferenciando-se dos demais veículos de comunicação. No rádio, o texto “deve ser mais claro e conciso do que o do jornal ou da televisão, veículos que pedem outros recursos (...)” (FERRARETTO, 2001, p. 193). O autor

ainda completa que, em cada veículo, a forma de tratar os fatos deve ser adaptada a uma linguagem específica e um público determinado, dependendo do veículo em que está inserida. Além disso, cada gênero tem suas características para se adequarem ao rádio. De acordo com análise partindo do Ferraretto (2001), os gêneros jornalísticos são, basicamente, três: informativo, interpretativo e opinativo.

O gênero informativo “retrata o fato com o mínimo de detalhes necessário à sua compreensão como notícia” (FERRARETTO, 2001, p.201). Além disso, segundo o autor, é o gênero que mais aparece no rádio e, principalmente, nos boletins. Lucht (2009, p.30), analisa autores que acreditam que a instituição jornalística “ao observar a realidade, registrando os fatos e informando à sociedade, praticava o jornalismo informativo”. Mas, outros autores também estudados por Lucht (2009, p.41), trazem que a “função básica são os relatos dos fatos, de forma “fria”, sem incluir opiniões; representados pelos formatos: nota ou notícia, crônica, entrevista e perfil”.

Já o interpretativo, por sua vez, é exercido “ao orientar além de apenas informar” (LUCHT, 2009, p.30). Ou então, “representa uma ampliação qualitativa das informações a serem repassadas ao público” (FERRARETTO, 2001, p.201). Ou seja, fazer com que o ouvinte se situe no fato que está sendo narrado. No caso dos boletins, esse gênero se faz presente em alguns, onde o repórter “situa o fato em um quadro amplo, podendo englobar aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais” (FERRARETTO, 2001, p.201), como no caso de programas de entrevistas e debates. Além disso, Ferraretto (2001) destaca que recursos de sonoplastia fazem esse papel de situar o ouvinte à notícia. Ou, como cita Lucht (2009, p.41), “o meio termo entre os gêneros informativos e opinativos”.

O gênero opinativo, “engloba um julgamento próprio (pessoal ou da empresa de radiodifusão) a respeito de um acontecimento ou assunto” (FERRARETTO, 2001, p.202) e, no rádio, a opinião é vista nos comentários, editoriais e nas participações de âncoras. Na análise de Lucht (2009, p.30), a definição é comum ao citado acima, que “ao reagir diante das notícias, emitindo opiniões”, exerce-se o jornalismo opinativo. “Comumente, as opiniões, segundo o autor, estão amparadas em valores, ideias e sentimentos de quem redige a matéria e não necessariamente em fatos.” (LUCHT, 2009, p.41).

#### **4.1. notícia**

Trata-se do relato de fatos e acontecimentos, que, segundo Ferraretto (2001), o profissional, com base em determinados critérios, os tornam em uma mensagem jornalística. Ainda segundo o autor, “os critérios de validação do grupo dominante na sociedade e os de

teor informativo” são os tipos de parâmetro que são obedecidos para a transmissão de notícias.

Para Ferraretto (2001), para o fato se transformar em notícia, o profissional deve analisar o acontecimento de acordo com atualidade, proximidade, proeminência e universalidade. Porém, quanto à atualidade, Lucht (2009) contra-argumenta que

“Devido ao próprio empobrecimento do meio rádio, com a queda dos investimentos publicitários ou estagnação dos mesmos, na maioria das vezes a notícia é retirada dos jornais do dia (impressos e on line), contrariando as premissas básicas do bom radiojornalismo moderno (...)” (2009, p.63).

No caso dos boletins em questão, o papel da notícia é de extrema importância uma vez que, são de análise e informação. Na veiculação de notícias atuais de futebol, o valor notícia se torna ainda maior, pois ouvintes procuram o rádio para obter essas informações e não só escutar a transmissão ao vivo.

#### **4.2. Boletim**

“Expressão máxima do trabalho do repórter em rádio” (FERRARETTO, 2001, p.265). Ainda segundo o autor, o boletim traz a informação, depois de apurada, transmitida pelo próprio jornalista que apurou e, sempre que possível, no momento em que o fato ocorre. De modo técnico, Lucht (2009, p.64) destaca que o boletim é uma “matéria breve do repórter, composta da narração (seja ela escrita anteriormente ou de improviso), sem a utilização de sonora”.

Segundo Ferraretto (2001), os boletins podem ter vários tipos: ao vivo, gravado ou com a fala do repórter direto no ar com um trecho de uma entrevista anteriormente realizada. Ele ainda explica que, no caso dos boletins ao vivo, é um acompanhamento simultâneo do desenrolar do fato e, que exige habilidade do repórter por necessitar de muito improviso.

Nos boletins gravados, “perde-se a autenticidade fornecida pela simultaneidade com o fato, mas se ganha em possibilidades de montagem” (FERRARETTO, 2001, p.266). Nos

boletins em questão, tem-se o gravado - que são veiculados durante a semana anterior ao jogo transmitido e tem-se o simultâneo ao jogo que está em andamento, que são os boletins do pré-jogo, intervalo e pós-jogo. Ainda segundo o autor, a transmissão caracteriza-se como o momento mais importante da transmissão esportiva e, nela, tem-se uma mistura de planejamento e improviso.

### **4.3.Comentário**

Lucht (2009, p.67) acredita que “enquanto gênero opinativo, o comentário serve para trazer ângulos obscuros não mostrados na reportagem, por exemplo”. Para Ferraretto (2001, p.280), o poder de opinar também é exercido pelo comentarista “que intervém nos programas em espaços bem marcados e delimitados”, mas também pode ser praticado pelo âncora, que “tece considerações, esclarece, interpreta e emite opiniões, procurando situar o ouvinte”.

Mas Ferraretto entende que,

“embora o jornalismo moderno tenda a diferenciar com clareza e procure caracterizar com exatidão a informação, a interpretação e a opinião, o rádio ainda apresenta-se para o público como um veículo em que, muitas vezes, é tênue o limite entre estes gêneros jornalísticos” (2001, p.280)

O autor ainda completa que, o comentário é um texto opinativo que o jornalista de determinada área pesquisa a fundo determinado assunto. Ferraretto (2001, p.321) conta que, no jornalismo esportivo, por exemplo, o trabalho do repórter, até meados dos anos 70, foi conhecido por uma mistura de informação e opinião. Com o passar do tempo, “a busca pela notícia se impôs e (...) a opinião deu lugar à interpretação” (FERRARETTO, 2001, p.321).

## **5. PAUTA ESTENDIDA**

### **5.1. Proposta do produto**

A elaboração de boletins que se encaixem na programação esportiva da Rádio Itatiaia. Esses boletins têm como objetivo evidenciar as mulheres no cenário radiofônico e mostrar o seu conhecimento como igualitário ao do homem. A proposta é desenvolver cinco boletins semanais que variem de 30” a 5’. Alguns serão apresentados nos intervalos dos jogos, com assuntos mais rápidos e factuais de 30” a 1’, que não tirem a concentração do ouvinte e ainda, façam ter ainda mais interesse naquilo que está sendo transmitido, como, por exemplo,

números e curiosidades sobre o jogo que está em transmissão. Nos programas de comentários, espera-se executar pílulas mais longas com discussões sobre assuntos relevantes do futebol e que interessem ao ouvinte ficar mais tempo concentrado. Estes irão ao ar no meio da programação esportiva da emissora e terão de 2" a 5". Os programetes serão inseridos durante a programação de quarta-feira a domingo com análise prévia da programação da rádio em questão com um total de 6 programetes por jornada. Sendo dois durante a programação, dois no pré-jogo, um no intervalo e um no pós-jogo. O público alvo são os amantes do esporte e também do jornalismo esportivo de forma geral, além dos ouvintes fiéis da Rádio Itatiaia.

## **5.2. Sugestões de pauta**

### **5.2.1 A Jornada**

A sessão de esportes da Rádio Itatiaia é composta por sete programas que vão ao ar de segunda-feira a domingo. Além disso, nos dias de jogos ao vivo, vai ao ar o “Jornada Esportiva”, com transmissão ao vivo do jogo. Segundo o site da rádio, a transmissão esportiva da Rádio Itatiaia é

“uma referência nacional em audiência, dinamismo e inovação no rádio esportivo. Com mais de 95% de participação e uma média superior a 400.000 ouvintes por minuto (maior audiência do país), mais de 30 jornalistas da Rádio Itatiaia se dividem e acompanham os times mineiros onde quer que eles estejam, em todos os jogos do ano, além da Seleção Brasileira e outros jogos relevantes do nosso calendário esportivo”.

A transmissão dos jogos acontece com horário indeterminado dependendo do jogo transmitido e do horário que este acontecerá. Os demais programas, que vão ao ar durante a semana, trazem notícias do futebol mineiro e também a opinião da equipe esportiva da rádio.

Por exemplo, na jornada de domingo (14/02/2016), foi transmitido pela rádio o jogo Cruzeiro *versus* Tupi, pelo Campeonato Mineiro 2016. O jogo teve seu início às 17 horas. A emissora usou os programas esportivos de domingo para falar sobre esse jogo e também dos rivais que jogariam no mesmo dia. Durante a transmissão aparecem boletins informando como estão os outros jogos que influenciam diretamente no jogo que está sendo transmitido. No intervalo, entra no ar o repórter de campo com entrevista de jogadores na saída do campo. No pós-jogo, a equipe esportiva faz análises não só do jogo que acabou mas também da rodada do campeonato.

### 5.2.2 Os boletins

Os programetes informarão ao ouvinte assuntos que interessem os amantes do futebol e também ouvintes fiéis da emissora. O produto tem como objetivo mostrar que a mulher está apta a argumentar e debater sobre o assunto, excluindo restrições derivadas de gênero. O foco é ressignificar a abordagem do feminino no futebol, tanto em termos de entendimento e posse do seu espaço de fala opinativa, quanto à postura e representação da mulher que é transmitida e reconhecida pelo público que consome futebol.

No caso dos boletins inseridos na programação geral, serão exibidos dois programetes por semana em turnos diferentes (manhã e noite e/ou manhã e tarde) com dois a cinco minutos e terão o nome “Minuto da Bola” – nome tradicional de programas de futebol apresentados por homens, mas nesse caso, será protagonizado por uma mulher. O objetivo desses boletins semanais é de engajamento para manter o ouvinte conectado à jornada e transmissão. A veiculação desses programetes independe do número de partidas que ocorrerão na semana. Estes irão ao ar no meio da programação esportiva, provavelmente na terça e na quinta. Serão livres em sua estrutura, podendo conter reportagem, entrevista, comentários e etc. Porém, sempre com o teor analítico. Por exemplo, reportagens com resultados da rodada, contexto de uma determinada equipe em destaque, os dados desses resultados e o que o resultado influenciou no campeonato. Os assuntos serão ser definidos antecipadamente. Além disso, cabem discussões sobre assuntos relevantes do futebol, assuntos polêmicos e que interessem ao ouvinte ficar mais tempo concentrado no assunto. Esses boletins possuem essa estrutura, pois entrarão em dias que não tem transmissão de jogos ao vivo.

No pré-jogo, serão dois programetes<sup>1</sup> de cunho factual e cerca de 30 segundos, sendo assuntos rápidos e factuais. O objetivo desses boletins é inserir a voz feminina como protagonista em todos os momentos, nesse caso, no factual. Esses boletins são partes da jornada esportiva e se multiplicarão de acordo com o número de transmissões da semana. Estes vão dizer respeito à transmissão: informações sobre os jogadores que estão ausentes e/ou machucados, a escalação do time, dados de confrontos anteriores, estatísticas, números, etc.

Durante o intervalo da transmissão, será inserido um boletim<sup>2</sup> de cunho analítico e cerca de um minuto. O objetivo desses boletins é inserir a voz feminina como protagonista em todos os momentos, nesse caso, no analítico. Esse boletim também é parte da jornada

<sup>1</sup>Em semanas que não houver jogos o programete da transmissão não irá ao ar.

<sup>2</sup>Em semanas que não houver jogos o programete da transmissão não irá ao ar.

esportiva e se multiplicará de acordo com o número de transmissões da semana. Ele terá análise do primeiro tempo e perspectivas para o segundo. Refere-se à partida, seu contexto e suas consequências.

No pós-jogo<sup>3</sup>, será inserido um boletim, de dois a cinco minutos de cunho analítico e cerca de um minuto. O objetivo desses boletins é inserir a voz feminina como protagonista em todos os momentos, nesse caso, no analítico. Esse boletim também é parte da jornada esportiva e se multiplicará de acordo com o número de transmissões da semana. Nele, terá análise do segundo tempo e do jogo em geral, confrontos posteriores, discussões, etc. Nesta proposta, espera-se mostrar o domínio do assunto, no caso, futebol.

Esses boletins têm o objetivo da integração da mulher num papel de análise na jornada esportiva como um sujeito especialista sem definição de gênero. Ou seja, dar à voz da mulher o mesmo peso que a voz masculina tem.

No pré-jogo, serão dois programetes de cunho factual e cerca de 30 segundos, sendo assuntos rápidos e factuais, como estatísticas, números, confrontos anteriores, etc. Durante o intervalo do jogo ao vivo, será inserido um boletim, também de cunho factual e cerca de um minuto, com estatísticas do primeiro tempo que foi transmitido. No pós-jogo, será inserido um boletim, de dois a cinco minutos com assuntos sobre o jogo que foi exibido, confrontos posteriores, discussões, etc.

## 6. REFERÊNCIAS

BACK, Cleiciane et al. **O papel das mulheres na sociedade:** diferentes formas de submissão. Revista Eventos Pedagógicos v.3, n.2, p. 328 - 336, Maio - Jul. 2012.

BAHIA, Cláudia. **A mulher repórter na editoria esportiva da imprensa brasileira.** Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1998, Recife.

BARBAT, A. L. M. **A Participação Feminina no Radiojornalismo Esportivo de Santa Maria.** Santa Maria: UNIFRA, 2010.

BARROSO, C. **Mulher, Sociedade e Estado no Brasil.** São Paulo. 1982.

---

<sup>3</sup>Em semanas que não houver jogos o programete da transmissão não irá ao ar.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **A trajetória da mensagem esportiva: dos sons à imagem paulistana.** Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4bda965829a410175c1ec3cb770190a0.PDF>.

CAMPELO, Wanir. **Nair Prata.** In: PRATA, Nair e SANTOS, Maria Cláudia (Org.). **Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro.** Florianópolis: Insular, 2014.

CANAVILHAS, João; GIACOMELLI, Fábio Ozorio. **O lugar do esporte na rádio:** estudo de caso no Brasil e em Portugal. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 06, n. 02, pp. 153-172, jul./dez. 2015.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo.** 4ª ed. rev. e atual. São Paulo. Contexto, 2011.

CORAZZA, Helena. **Questão de gênero:** inclusão/exclusão da mulher no complexo midiático. Texto apresentado no I Simpósio Brasileiro “Gênero e Mídia”. Curitiba, Agosto de 2005.

COSTA, Leda Maria da. **Marias-chuteiras X torcedoras “autênticas”:** identidade feminina e futebol. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, 12, 2006, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ANPUH 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Leda%20Maria%20Costa.pdf>.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto Alegre:** um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade). 2002. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DIAS, Emerson S.; LIMA, Carlos G. C. **Da emoção à descrição - a História da narração esportiva no rádio.** In: VII Encontro Nacional de História da Mídia, Unicentro, Guarapuava. Universidade Estadual de Londrina, Paraná. p.1-p.12.

FERRARETTO, Luis Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

JORNAL FOLHA DA TERRA. **Clubes querem incentivar presença feminina nos estádios.** Disponível em: <<http://www.jornalfolhadaterra.com.br/clubes-querem.../>> Acesso em: 9 maio 2015.

LUCHT, Janine M. P. **Gêneros Radiojornalísticos:** análise do Rádio Eldorado de São Paulo. 2009. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

LUZ, Laura Becker. **Em busca de espaço:** mulheres no jornalismo esportivo de rádio e televisão. Porto Alegre, 2015.

MADUREIRA, Paulo; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cartografando a narração esportiva radiofônica – Um panorama preliminar da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 06, n. 02, pp. 195-218, jul./dez. 2015.

MONTEIRO, Emmanuel Grubisich. **A contribuição radiofônica na carreira do locutor futebolístico televisivo**. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jonalismo, 2007, Sergipe.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Mídia e mulheres: uma pauta em evolução**. In: VI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação. São Paulo, 2002.

ORTRIWANO, G. S. **A Informação no Rádio: os Grupos de Poder e Determinação dos Conteúdos**. São Paulo: Summus. 1985.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012

PRATA, Nair. **WEBradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.

PRATA, Nair e SANTOS, Maria Cláudia. **Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

PROVENZANO, B. **A Participação das Mulheres no Radiojornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba. Curitiba: INTERCOM, 2009.

RODRIGUES, Hilla. **Tânia Mara**. In: PRATA, Nair e SANTOS, Maria Cláudia (Org.). **Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

SANTOS, Maria Cláudia. **Sônia Caldas**. In: PRATA, Nair e SANTOS, Maria Cláudia (Org.). **Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro**. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. 2009. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SIMÕES, Antônio Carlos (org.) **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SOARES, Edileuza. **A Bola do Ar**. São Paulo: ED. Summus, 1994.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1992.

TESSER, Tereza Cristina. **De Passagem pelos estúdios: a presença feminina no início do rádio no Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo, ECA/USP, 1994 (Dissertação de Mestrado).

VASCONCELOS, N. M.; RUBBO, D. **A mulher jornalista na editoria de esportes**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba. Curitiba: INTERCOM, 2009.

## 7. ANEXOS

### Boletim 1

VH DE ABERTURA ABERTURA/LOC	NOME DO PROGRAMA
((SOBE SOM))	
LOC	<p><b>AMÉRICA MG VENCE O CORITBA E DEIXA A LANTERNA DA COMPETIÇÃO//</b></p> <p><b>O PRÓXIMO ADVERSÁRIO É O FAVORITO PALMEIRAS//</b></p> <p><b>AS POSSÍVEIS ESCALAÇÕES DOS DOIS TIMES PARA O CONFRONTO//</b></p>
((SOBE SOM))	
LOC	<p>FALANDO DE BRASILEIRÃO, EXCEPCIONALMENTE ESSA SEMANA O AMÉRICA JOGA NA TERÇA-FEIRA, CONTRA O PALMEIRAS, NO ALIANZ PARK. O JOGO FOI ANTECIPADO PARA ESTA TERÇA PORQUE VAI TER UMA EXIBIÇÃO DE CINEMA NA ARENA NA QUARTA FEIRA.</p>
((SOBE SOM))	
LOC	<p>NO ÚLTIMO JOGO, NA RODADA PASSADA, O COELHO VENDEU O CORITIBA E DEIXOU A LANTERNA DA COMPETIÇÃO. O ESQUEMA COM TRÊS VOLANTES DEU CERTO NO COELHO. E A POSTURA CONFIANTE DOS JOGADORES VOLTOU A SER VISTA PELOS TORCEDORES DO MEQUINHA.</p>

	<p>UMA COISA É VERDADE, QUANDO O ADVERSÁRIO PRESSIONA, É UM RISCO PARA A DEFESA DO AMÉRICA E O JOGO SOBREVIVE NA BASE DO CHUTÃO OU LANÇAMENTO. E, CURIOSAMENTE, FOI ASSIM QUE A VIRA DA NO ULTIMO JOGO. E CONVENHAMOS, ENTRE GANHAR COM CHUTÃO OU PERDER, MELHOR GANHAR. AGORA, O COELHO TEM UMA MISSÃO DIFÍCIL PELA FRENTE PARA CONTINUAR RESPIRANDO NA TABELA. E O ADVERSÁRIO NÃO É NADA FÁCIL.</p>
((SOBE SOM))	
LOC	<p>O PALMEIRAS, QUE PODEMOS CONSIDERAR UM DOS FAVORITOS AO TÍTULO DO BRASILEIRO, SÓ TEM QUE GANHAR O JOGO PARA SE MANTER NA LIDERANÇA SEM DEPENDER DE OUTROS RESULTADOS E FAZER VALER SUA INVENCIBILIDADE DENTRO DE CASA.</p> <p>NA NOVA ARENA, O PALMEIRAS ALCANÇOU TRÊS DAS CINCO MAIORES RECEITAS ATÉ AQUI NO CAMPEONATO BRASILEIRO. DESDE MARÇO, QUANDO ASSUMIU O TIME, O CUCA NÃO SABE O QUE É PERDER EM CASA: DE LÁ PARA CÁ, SÃO CINCO JOGOS E CINCO VITÓRIAS. A DEFESA SOFREU SÓ UM GOL E O ATAQUE MARCOU 16 VEZES. A MÉDIA É DE MAIS DE TRÊS GOLS POR PARTIDA. ESSE JÁ É O MELHOR INÍCIO DO ALVIVERDE NO BRASILEIRO DESDE 2003, LÁ QUANDO COMEÇOU A ERA DOS PONTOS CORRIDOS NO CAMPEONATO.</p> <p>A VITÓRIA SOBRE O SANTA CRUZ NA ÚLTIMA</p>

	<p>RODADA DEU À EQUIPE PAULISTA A PONTA DA CLASSIFICAÇÃO, O QUE NÃO ACONTECIA HÁ SETE ANOS. E ESSA É A MAIOR PROVA DA FORÇA DO ATAQUE PALMEIRENSE NA COMPETIÇÃO. COM O MESMO NÚMERO DE PONTOS QUE O INTER, O VERDÃO OCUPA A PRIMEIRA COLOCAÇÃO POR TER SALDO DE GOLS MAIOR QUE O ADVERSÁRIO: 9 A 6.</p>
((SOBE SOM))	
LOC	<p>O NÚMERO DE PESSOAS ADEPTAS AO CONSUMO DE PRODUTOS NATURAIS AUMENTA A CADA DIA./ ESTES JÁ COMPÕEM VINTE PORCENTO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA./ AS PLANTAS MEDICINAIS SÃO ALGUNS DESTES PRODUTOS / ELAS SÃO USADAS PRINCIPALMENTE EM REMÉDIOS CASEIROS./ OUTRAS OPÇÕES SÃO OS ALIMENTOS FUNCIONAIS./ ELES ABASTECEM O CORPO HUMANO DE NUTRIENTES E VITAMINAS./ ALÉM DE DEIXAR A PELE VIÇOSA,/ OS CABELOS SEDOSOS/ E UMA POSSÍVEL RETARDAÇÃO DA VELHICE.//</p>
((SOBE SOM))	
LOC	<p>DO LADO MINEIRO, O TÉCNICO SÉRGIO VIEIRA JÁ VENCEU O TIME PALMEIRENSE NO COMANDO DA FERROVIÁRIA NO CAMPEONATO PAULISTA DESSE ANO. COM DEZ PONTOS, O COELHO ESTÁ NA DÉCIMA QUARTA POSIÇÃO DA TABELA COM APENAS DUAS VITÓRIAS, QUATRO EMPATES E TRÊS DERROTAS.</p>

	<p>PRA EMPLACAR UMA SEQUÊNCIA DE VITÓRIAS E SE LIVRAR DO FUNIL DO REBAIXAMENTO, QUE AINDA É UMA GRANDE REALIDADE, O TIME AMERICANO NÃO CONTA COM ALISON, TONY E PABLO, QUE ESTÃO FORA DA EQUIPE POR LESÃO. ARTUR, TIAGO LUÍS E HÉLDER ESTÃO PENDURADOS POR CARTÃO AMARELO. O TÉCNICO PORTUGUÊS DEVE ESCALAR O TIME COM: JOÃO RICARDO NO GOL; HÉLDER NA LATERAL DIREITA; ARTUR E ADALBERTO NA ZAGA; DANILO PELA LATERAL CANHOTA; LEANDRO GUERREIRO, JUNINHO E ERNANDES NO MEIO-CAMPO, E EDUARDO, OSMAN E BORGES COMPÕEM O SETOR OFENSIVO DO AMÉRICA.</p>
((SOBE SOM))	
LOC	<p>POR PARTE DO PALMEIRAS, OS DESTAQUES DA LINHA DE FRENTE MAIS EFETIVA DO BRASILEIRO SERÃO POUPADOS POR DESGASTE FÍSICO: DUDU, CLEITON XAVIER E MOISÉS, APESAR DE RELACIONADOS, NÃO DEVEM ENTRAR COMO TITULARES CONTRA O AMÉRICA. PRO MEIO-CAMPO, VITINHO, UM DOS ÚNICOS ENTRE OS 32 JOGADORES DE LINHA DO ELENCO QUE AINDA NÃO FOI APROVEITADO, PODE ESTREAR. PELAS PONTAS, GABRIEL JESUS E RÓGER GUEDES DEVEM ENTRAR JOGANDO, E QUEM COMPLETA O ATAQUE É CRISTALDO, QUE ESTÁ TENDO NOVA CHANCE NA EQUIPE PRINCIPAL POR CONTA DA AUSÊNCIA POR SUSPENSÃO DE ALECSANDRO. NA RETARGUADA, A NOVIDADE FICA POR CONTA DO RETORNO DE</p>

	<p>THIAGO MARTINS, QUE VOLTA DE SUSPENSÃO POR TOMAR O TERCEIRO AMARELO CONTRA O CORITIBA, E DEVE ENTRAR NO LUGAR DE EDU DRACENA PARA JOGAR AO LADO DE VICTOR HUGO. COMPLETANDO A PRIMEIRA LINHA DE QUATRO JEAN E EGÍDIO PELAS LATERAIS. NO MEIO, AO LADO DE VITINHO QUE PODE SER O ESTREANTE DA NOITE, TCHÊ TCHÊ E THIAGO SANTOS COMPLETAM O TIME DO PALMEIRAS. ATÉ AS SEIS DA TARDE, CERCA DE 25 MIL INGRESSOS FORAM VENDIDOS PARA O JOGO DESSA NOITE, NO ALLIANZ PARQUE.</p>
((SOBE SOM))	
VH DE ENCERRAMENTO	

